



GRUPO  
COMUNICAÇÃO E CULTURA:  
**BARROCO  
ORALIDADES E  
MESTIÇAGEM**

**PEQUENO ALMANAQUE DE  
CULTURA BARROCO-MESTIÇA  
VOL. II**

Plano de Incentivo à Pesquisa

**PIPEq**  
PUC-SP

**educ**

São Paulo  
2022



**PUC-SP**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Reitora**

Maria Amalia Pie Abib Anderj

**EDITORA DA PUC-SP**

**Direção:**

Thiago Pacheco Ferreira

**Conselho Editorial**

Maria Amalia Pie Abib Anderj (Presidente)

Carla Teresa Martins Romar

Ivo Assad Ibri

José Agnaldo Gomes

José Rodolpho Perazzolo

Lucia Maria Machado Bógus

Maria Elizabeth Bianconcini Trindade Morato Pinto de Almeida

Rosa Maria Marques

Saddo Aq Almouloud

Thiago Pacheco Ferreira (Diretor da Educ)

**educ**

Rua Monte Alegre, 984 - Sala S16

CEP 05014-901 - São Paulo - SP

Tel./Fax: (11) 3670-8085 e 3670-8558

E-mail: [educ@pucsp.br](mailto:educ@pucsp.br) - Site: [www.pucsp.br/educ](http://www.pucsp.br/educ)

**Grupo Comunicação e Cultura: Barroco,  
Oralidades e Mestiçagem**

**Organização e Edição**

Amálio Pinheiro e Luís Fernando Pereira

**Revisão**

Luíza Spínola

**Capa, Projeto Gráfico e Diagramação**

João Lucas Noqueira

**Arte da Página de Abertura**

Karina Sousa

**EDUC - Editora da PUC-SP**

**Direção**

Thiago Pacheco Ferreira

**Produção Editorial**

Sonia Montone

**Editoração Eletrônica**

Waldir Alves

Gabriel Moraes

**Administração e Vendas**

Ronaldo Decicino

Copyright © 2021. Foi feito o depósito legal.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Reitora Nadir Gouvêa Kfoury/PUC-SP

---

Pequeno almanaque de cultura barroco-mestiça / orgs.

Amálio Pinheiro, Luís Fernando Pereira. – São Paulo: EDUC, 2021

v. II ; 18 cm.

Bibliografia.

ISBN: 978-65-87387-41-3

Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco, Oralidades e Mestiçagem

Apoio financeiro Pipeq.

1. Cultura - Modelo semiótico. 2. Comunicação e cultura - América Latina. 3. Miscigenação - América Latina. 4. Antropologia. 5. Semântica (Filosofia). 6. Mestiçagem - América Latina. I. Pinheiro, Amálio. II. Pereira, Luís Fernando. III. Título.

CDD 306.4022

---

Bibliotecária: Maria Lúcia S. Pereira CRB 8ª / 5754

## INVENTÁRIO

### **Alpendre, 11 e Duende Iauaretê, 55**

João Lucas Noqueira

### **Ambiente, 16**

Solange Alboreda

### **Animais, 21**

Micheline Verunschik

### **Bairro, 27**

Vito Antico Wirgues

### **Bunda, 33, Gesto, 81 e Paisagem, 98**

Isabel Rebelo Roque

### **Caderno, 37**

Ariane Azambuja Salgado

### **Caixa, 43**

Audrei Aparecida Franco de Carvalho

### **Colônia-Coral, 47 e Fronteira, 69**

Luís Fernando Pereira

### **Cordel, 50**

Antonio Iraildo Alves de Brito

## **INVENTÁRIO**

### **Fluxo, 61**

Giuliana Angelini

### **Folia, 64**

Karina Sousa

### **Frutas, 74**

Amálio Pinheiro

### **Natureza, 86**

Mila Goudet

### **Nheengatu, 93**

Orlando García

### **Provérbio, 104**

Abreu Paxe

### **Também, 110**

Maria Fernanda de Mello Lopes

### **Tradução, 117**

Mara Lafourcade Rayel

### **Voz, 121**

Luiza Spínola

ONÇA



IMPROVISO

**DU  
EN  
DE**



JORRO DE SANGUE  
PELINTRA SACI

## ALMANAQUE DE CULTURA BARROCO-MESTIÇA

**A** lma barroca da mestiçagem latino-americana. Brota do chão e entra pela sola dos pés ibéricos, sobe pelos quadris mestiços e sai pela boca, em jorro de sangue, na voz de Mercedes a Chavela, de Bethânia a Chabuca, de Omara a Amália. Saci que faz onça o sujeito ativo da criação. Na precisão de Lorca, o duende é um lutar e não um pensar:

*Así, pues, el duende es un poder y no un obrar, es un luchar y no un pensar. Yo he oído decir a un viejo maestro guitarrista: “El duende no está en la garganta; el duende sube por dentro desde la planta de los pies.” Es decir, no es cuestión de facultad, sino de verdadero estilo vivo; es decir, de sangre; es decir, de viejísima cultura, de creación en acto. (García Lorca, 1933)*

Intuição do gênio no improvisado de um corpo em luta contra a morte. Morte, as mais variadas. Regozijo que não se nega à luta. A capacidade lúdica de rir e gozar mesmo e apesar de dores e sofrimentos. É compartilhar saudade em festa e rasgar num canto a solidão. E por falar em saudade, talvez seja o duende que a faça brotar em nossas línguas. Segundo Laplantine, é sofrer de um prazer passado ao mesmo tempo em que se tem prazer no sofrimento de hoje. Sentimento aduendado que faz brotar beleza nas dores dessa terra em transe. Pois, *“con duende es más fácil amar, comprender,*

*y es seguro ser amado, ser comprendido, y esta lucha por la expresión y por la comunicación de la expresión adquiere a veces, en poesía, caracteres mortales”* (García Lorca, 1933).

O duende de Lorca brota das culturas cigana e mourisca, desde as encantarias do flamenco andaluz, embebido na cultura judaica dos marranos mestiços em fuga imposta pela inquisição. Paralelo entre o “Alá” gritado nos momentos mais enduendados da música árabe e o “olé” gritado no flamenco espanhol. Manifestação que é dança, ritmo, letra, voz, garganta, liga-se à poesia, à música, à instrumentação em movimento de pés, mãos, roupas, tablado e taberna. Ação de um corpo vivo que não interpreta formas, mas o tutano das formas. Viscerais. Das tripas coração.

Inspiração artística irrepetível, irrecriável e irrepresentável. O duende não se planeja. Improviso que faz nascer um primeiro som de linguagem. Puro ato de criação que se dá com o transbordamento da técnica, esquecido nos arquivos mofados de antiquíssima e profunda memória. Duende que dá sua graça nos estertores da vida. No último suspiro que contamina o corpo com a libido que escancara a morte. É a transfiguração que Euclides da Cunha (1984) viu no sertanejo: de Quasímodo a Titã, acobreado e potente.

## ALMANAQUE DE CULTURA BARROCO-MESTIÇA

O percurso de criação do duende toma rumos distintos aos experimentalismos das vanguardas europeias desde o princípio. Vanguardas que buscavam romper e superar sua crise histórica através do experimentalismo. Ruptura com o passado clássico, ruptura com a própria história. Nos lugares de duende o processo é outro. Segue caminhos barrocos em abraço com o estranho, o insólito, o paradoxo. Não há necessidade de rompimento com o passado, porque os tempos se canibalizam em um ouroboros fractal e espiralado nas veias abertas das saudades. Aglutinações, excessos e exageros encaixados nas miudezas e no vai e vem preciso das tessituras rendadas. “Constante batismo das coisas recém-criadas”.

Na América Latina, o duende é festivo e carnavalesco. Existe na potência do quadril gingante e na voz rouca e metálica das vadiagens populares. É Zé Pelintra que trabalha as criações juremeiras de uma constituição social em festa e trânsito perene. “Cultura, encruzilhadas, adaptações, dinamismo, ressignificação, sobrevivência, adaptação, invenção, renovação” em uma “fabulosa odisseia de cura, amor, folia, paixão e redenção arrebatada na rua” (Luiz Antônio Simas, 2021). É Saci em jogo na parceria não disputada e alegre das brincadeiras. Supera-se a oposição entre morte e vida pela reconstrução diária das regras dessa peleja pelo brincante.

Está na orla, nos limites, é ferida aberta, vive na fronteira, ente fronteiriço que refaz traduções entre corpos pelo afeto. Portanto, desfaz os entendimentos tristes das velhas dicotomias ocidentais: centro-periferia, novo-velho, corpo-mente, dentro-fora. Dá a volta nas compreensões corporativas - desculpas pelo trocadilho - por um corpo ativo que luta e descobre sua existência única no limite do real e da vida:

não se explica pelo discurso dos meios, poderes e instituições: atua, coletiva e anonimamente, nos porões da história e nas séries da cultura cotidiana, como enorme laboratório e almoxarifado da memória, dos acontecimentos urbanos e da natureza, desde um simples objeto de uso doméstico aos grandes espetáculos populares. (Amálio Pinheiro, 2020)

Duende-onça-saci-pelintra que faz real as mediações possíveis através do encantamento. Traz à terra o divino em corpo, quadril e bunda que dançam. O duende de Campos de Carvalho (2017) ensina que “as flores têm o perfume que a terra lhes dá sem ser perfumada. Assim, também nós devemos dar a nossos atos aquilo que não trazemos em nós mas de que somos realmente capazes, e que não morrerá com a nossa morte”.

## REFERÊNCIAS

Amálio Pinheiro. A condição mestiça. *Pasquinagem*, São Paulo, v. 10. p. 8–23, set. 2020.

Amálio Pinheiro. *Sistematização das atas 2006-2017: Projeto X – Fase 1*. São Paulo: Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco, Oralidades e Mestiçagem/PUC/SP. 2018. (DGP CNPq/Lattes)

Euclides da Cunha. *Os sertões*. São Paulo: Três, 1984.

Federico García Lorca. 1933. *Juego y teoría del duende*. Libros Móviles. Edição do Kindle.

François Laplantine; Alexis Nouss. *A mestiçagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2017.

Luiz Antônio Simas. *O corpo encantado das ruas*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

Walter Campos de Carvalho. *A Lua vem da Ásia*. São Paulo: Autêntica, 2017.